

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Maria Iolanda Esaier Settin

**O ENCONTRO DO CINEMA NA EDUCAÇÃO: É POSSÍVEL?**

Porto Alegre

2015

Maria Iolanda Esaier Settin

## **O ENCONTRO DO CINEMA NA EDUCAÇÃO: É POSSÍVEL?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Martha Barcelos Vieira

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## **AGRADECIMENTOS**

À família, pela presença, paciência e carinho.

## RESUMO

Este trabalho aborda sobre as relações que se formam entre cinema, arte e educação em interação com a tecnologia no ambiente de aprendizagem, e os reflexos e contribuições que somam a trajetória do aluno, como agente receptor, processador e produtor daquilo que ao final constrói. Aborda as dificuldades inerentes a todo processo de aprendizagem, provenientes também de fatores externos. Ao reconhecer a interferência midiática na formação do aluno, refere ao aspecto positivo desta inserção na educação, através de estratégias facilitadoras. Destaca a presença da arte e do cinema permeando as áreas do conhecimento e contribuindo nesta construção, apesar dos estranhamentos que ainda provocam, mas não obstante, fortalecendo o processo de aprendizagem do aluno protagonista.

**Palavras-chave:** Educação. Cinema. Arte. Tecnologia.

## **ABSTRACT**

### **THE MEETING OF THE CINEMA IN EDUCATION: IS IT POSSIBLE?**

This paper is concerning the relationships between film, art and education, interacting with the technology looking at the learning environment, and the reflections and contributions that add into the student trajectory, as a receiver, processor and producer of what constructs, in the end of the process. It discusses how the difficulties inherent to any learning process, from external factors as well. This paper recognizes the media interference in the formation of the student, referred to the positive aspect of this integration in education, through enabling strategies. It highlights the presence of art and cinema permeating the areas of knowledge and contributing in this building, despite the barriers that still cause, nevertheless, strengthening the student's learning process.

**Keywords:** Education. Cinema (film). Art. Technology.

## LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Influência das Mídias.....	19
---------------------------------------	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CINEAD	Cinema e Áudio Visual
DVD	Digital Versatile Disc
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
TAS	Teoria da Aprendizagem Significativa
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>ORIGENS DA EXPRESSÃO HUMANA</b>	<b>12</b>
3.1	RELIGIOSIDADE E BUSCA PELO PADRÃO ESTÉTICO	12
3.2	FILOSOFIA E A ARTE	13
<b>4</b>	<b>O EFEITO TRANSFORMADOR DA COMUNICAÇÃO</b>	<b>15</b>
4.1	TECNOLOGIA E AMBIENTE ESCOLAR	16
4.2	INSERÇÕES DAS MÍDIAS	18
4.3	LINGUAGENS ÁUDIO VISUAL	22
<b>5</b>	<b>CINEMA</b>	<b>24</b>
5.1	O LUGAR DO CINEMA NA EDUCAÇÃO	25
5.2	CRIANDO CAMINHOS PARA O CINEMA	27
5.3	O EXERCÍCIO VISUAL	29
<b>6</b>	<b>CINEMA E A SALA DE AULA</b>	<b>32</b>
6.1	O MATERIAL FÍLMICO	38
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A expectativa de uma formação plena do aluno corresponde à inserção do cinema na educação, que desponta como recurso de integração das áreas do ensino fundamental e médio, transformando-se num elemento gerador de conhecimento pelas relações que promove e, portanto indispensável à educação.

Identificar e ratificar a legitimidade do cinema como componente da ação educativa, é o objetivo que ao longo da pesquisa será desenvolvido.

Partindo da percepção de que: tanto no ambiente escolar, e principalmente nas especificidades das disciplinas da grade curricular do ensino fundamental e médio, são identificados elementos constitutivos do cinema, que correspondem adequadamente à prática de atividades relativas à utilização do cinema como recurso didático, pedagógico e cultural, potencializando a construção do aprendizado.

Naturalmente é possível identificar enredos nos conteúdos das disciplinas, na bagagem histórica do aluno e da comunidade, assim como cenários que o ambiente escolar naturalmente dispõe, ou proporciona à exploração. Quanto ao elenco a identificação de cada aluno nas áreas de atuação, que um projeto possibilita, permite que todos participem envolvidos na mesma ação.

A expressão é uma característica presente no ser humano desde registros pré históricos, e que se estende alterando os meios e as formas de manifestação desta necessidade, assumindo características específicas à cada época. O cinema é resultado desta necessidade e vem ao longo da história assumindo outros papéis, conciliando às novas necessidades, como na educação.

Com objetivos pedagógicos o cinema é produtor das articulações que se formam entre os objetos de estudo, fortalecendo a interdisciplinaridade pelas relações que se formam com os recursos tecnológicos, os elementos da Arte e o contexto da educação de forma geral. A arte cinematográfica pode somar experiências e conhecimento, superando expectativas além da transmissão básica de conteúdos que a ação pedagógica formal imprime.

Refletir sobre o conjunto intrínseco que compõe a educação, considerando que cabe a ela, absorver e administrar as mudanças cíclicas que interferem ou até transformam o que já é de domínio da sociedade. O avanço tecnológico tem a potência de mudar o rumo da história, desacomodando e impondo novas posturas, sob o risco de exclusão do mundo que se renova, ficando à margem da realidade. Registros de

muito do que deixou de existir, por tornarem-se obsoletos em consequência de descobertas e invenções, que a inteligência humana implantou, são do conhecimento de todos.

No caminho paralelo percorrido pela educação, identificando e acolhendo as mudanças impostas, lhe é conferido o papel principal desta história, que é o de formar a capacidade do homem para que continue evoluindo. O que a faz refém da sua própria condição. Num extremo ela é a origem, no outro, quase vítima por não conseguir acompanhar o fruto da sua criação.

Renovada pelos desafios que anualmente preenchem as salas de aula, a educação se mantém dinâmica, voltada ao que é da sua competência. Incorporar novas aprendizagens, promovendo o acesso às inovações que regem os padrões da realidade da qual o aluno faz parte. E, sobretudo priorizar o desenvolvimento de valores no indivíduo para o convívio na sociedade, na qual atuará como cidadão ativo. Por isto os recursos fundamentais da formação se sustentam em áreas que valorizam o aluno, fortalecendo sua identidade em prol da sociedade.

Buscando desenvolver o tema de forma esclarecedora e coerente, a pesquisa está desenvolvida em capítulos que inicia com esta introdução, no capítulo I, sobre a questão motivadora acerca da inserção do cinema nas práticas educativas, fazendo a pergunta título: O encontro do cinema na educação: é possível?

Quanto à metodologia da pesquisa no capítulo II, a pesquisa do objeto em estudo, simultaneamente requer buscas paralelas sobre o conjunto do qual faz parte no contexto da educação. Desta forma a pesquisa bibliográfica corresponde à ampliação de informações necessárias em busca do objetivo.

No capítulo III são abordadas as origens da expressão humana através da religiosidade e das indagações filosóficas acerca da arte que, como representante autêntica, tem nos seus registros estas manifestações.

No capítulo IV as transformações impostas pela interferência tecnológica e midiática, alterando o perfil da sociedade, remetem o cinema ao contexto da educação abordado na pesquisa.

O capítulo V refere-se às estratégias de inserção do cinema no processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. Já no capítulo VI especificamente são tratados os aspectos que envolvem o cinema na sala de aula através de práticas e iniciativas que o consolidem como componente das ações pedagógicas.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Considerando a abrangência deste objeto de estudo, a metodologia se encaminha à pesquisa bibliográfica, que permite ampliar a busca no material publicado, visto que muito já foi e continua sendo pesquisado. A pesquisa bibliográfica permite o acesso a diferentes considerações sobre um mesmo aspecto de um determinado assunto, elucidando questões que podem não estar explícitas. Assumindo a característica de revisão bibliográfica ou revisão de literatura, a pesquisa bibliográfica fornece fundamentação teórica, buscando soluções através de atenta análise do objeto de estudo.

Pesquisa bibliográfica – revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Portanto, a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994 apud LIMA; MIOTO, 2007, p. 40).

A busca por resultados positivos na educação cria laços indissolúveis que dependem do desempenho particular de cada área, porém em atuação uníssona, para que seja possível um resultado final significativo. Desta forma a busca de dados que componham uma pesquisa com informações tão variadas, melhor se adequa aos recursos da pesquisa bibliográfica, contemplando aspectos que se tornam importantes na composição de assuntos específicos, referindo-se ao objeto de estudo, no seu âmbito mais geral.

### 3 ORIGENS DA EXPRESSÃO HUMANA

Registros da história da humanidade revelam as especificidades características referentes a cada época, sendo possível identificar a necessidade de expressão que o homem carrega consigo, e que escolhe as mais diversas formas com esta intenção. Para Freud e Gustav (apud GIBSON, 2012, p. 7). “[...] a mente humana é programada para pensar e se comunicar simbolicamente, e de que a linguagem dos símbolos [...] transcende o tempo e o espaço”.

Os primeiros sinais que caracterizam esta afirmação de acordo com Proença (2002), remetem ao estudo da “evolução da arte através dos tempos”. Expressões de traços simples, atribuídos à pintura rupestre na pré-histórica, especificamente no Paleolítico Superior, além das “mãos em negativo”, foram encontradas principalmente nas paredes das cavernas Niaux, Font-de-Gaume e Lascaux na França, e na de Altamira na Espanha. Para Gibson a impressão das mãos, entre os mais antigos símbolos pictóricos, além de ser considerado como símbolo de identidade, também pode representar presença, parentesco e proteção.

Desde a pré-história, a humanidade usa a arte para expressar conceitos profundos relacionados ao passado, ao presente e ao futuro, ao sagrado e ao secular, aos elementos fundamentais da identidade humana e às mais abstratas filosofias. Por mais díspares que sejam os assuntos ou os estilos artísticos empregados, as imagens utilizadas para comunicar esses conceitos são similares em todo o mundo, testemunho de uma tendência humana antiga e fundamental de pensar pictoricamente e simbolicamente (GIBSON, 2012, p. 48).

A geometrização de formas também é referência da pré-história, caracterizando o homem do período Neolítico, que sob diferentes interferências ocorridas nesta fase, simplificou e geometrizou as formas que representou. Nestes registros a abstração das formas reflete o abandono do olhar observador e de expressão naturalista característica do homem do Paleolítico, pela racionalização no estilo de representação do homem do período Neolítico.

#### 3.1 RELIGIOSIDADE E BUSCA PELO PADRÃO ESTÉTICO

Como vimos, a arte percorre paralelamente à trajetória humana e nos conta sobre este trajeto, onde o homem registrou o que viveu e sentiu, da forma que melhor

soube expressar, sob as influências do seu meio. As civilizações têm suas histórias contadas em imagens e monumentos arquitetônicos e escultóricos, como na Antiguidade, onde a arte padronizada da civilização egípcia tinha significativo caráter religioso.

A busca por um padrão de beleza e harmonia das formas que permeou a arte Grega, especialmente a escultura, foi além do aspecto estético. A arte era reflexo da preocupação com o desenvolvimento do ser humano, que consideravam a criatura mais importante do universo.

Entre as atividades estavam danças e cânticos que faziam parte das encenações homenageando os deuses, em teatros construídos aproveitando o declive do terreno, favorecendo a acústica onde os coros e atores se apresentavam. Para os gregos “a importância da música estava em ter a capacidade de estabelecer a formação moral e estética que determinaria o caráter e a conduta das pessoas” (FERRARI, 2013, p. 63).

### 3.2 FILOSOFIA E A ARTE

De acordo com Nunes (1989, p. 7), os primeiros filósofos gregos (século VI a.C.) “preocuparam-se em conhecer os elementos constitutivos das coisas” investigando a Natureza, suas origens e transformações.

Mas foi o filósofo Sócrates quem fez uma indagação filosófica acerca da essência da pintura ao pintor Parrásio, questionando sobre o que a Pintura poderia representar? Direcionando então para o domínio das artes, a atitude interrogativa assumida pelos filósofos gregos em relação às coisas e aos valores morais.

Ainda de acordo com Nunes (1989), o filósofo Platão no diálogo *A república* confrontou Arte e Realidade, e considerou o caráter representativo da Pintura e da Escultura muito abaixo da verdadeira Beleza que a inteligência humana se destina a conhecer, comparando aos objetivos da ciência. Considerou uma atividade supérflua, e observou que a Poesia e a Música influenciam o comportamento moral dos homens, passando a constituir objeto de investigação teórica.

É o pensamento racional que questiona o seu valor, sua razão de ser e o seu lugar na existência humana. Mas foi o filósofo grego Aristóteles quem desenvolveu ideias que, pela sua clareza e consistência, representam a primeira teoria explícita da Arte que a Antiguidade nos legou, através da obra *Poética* (NUNES, 1989).

Ainda de acordo com Nunes no Renascimento, teoricamente, o Belo e a Arte se uniram amparados pela Natureza, que para Leonardo da Vinci era um conjunto de fenômenos sujeitos a leis, contendo formas perfeitas. Porém foi no século XVIII que surgiu uma nova disciplina filosófica denominada Estética ou Teoria das Artes Liberais, “com o objetivo de estudar o Belo e suas manifestações na Arte” (NUNES, 1989, p. 10). Seu fundador foi o filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten.

A reflexão filosófica em torno da Arte derivou, assim, para uma ciência que fez da apreciação da Beleza o seu tema fundamental. Fruto de certas tendências manifestadas no pensamento teórico desde o século XVII, a nova ciência concebeu a Arte como aquele produto da atividade humana que, obedecendo a determinados princípios, tem por fim produzir artificialmente os múltiplos aspectos de uma só beleza universal, apanágio das coisas naturais (NUNES, 1989, p.10).

Como vimos na abordagem sobre a civilização Grega, a valorização das ações humanas era fundamental, e apoiava-se na prática e convivência com a música, canto, teatro e incontestável escultura, na busca da perfeita formação para os seus cidadãos, não obstante a arte se transformou em objeto de indagação filosófica.

A arte é tema de reflexão que provoca questionamentos, especialmente por estar tão presente na vida do ser humano, interferindo como elemento gerador do seu desenvolvimento, exatamente por que não oferece respostas, mas o instiga na busca destas. Esta condição inerente ao ser humano o leva a expressar-se independente da situação, do material, do suporte, da adversidade local, momentânea ou instalada, como comprovam os registros da história. Promove o autoconhecimento, favorecendo o entendimento dos processos do mundo a partir de si.

Segundo Ruskin<sup>1</sup> (apud PROENÇA, 2002, p. 7): “as grandes nações escrevem sua autobiografia em três volumes: o livro de suas ações, o livro de suas palavras e o livro de sua arte”. E acrescenta “nenhum desses três pode ser compreendido sem que se tenham lido os outros dois, mas desses três, o único em que se pode confiar é o último” (RUSKIN apud PROENÇA, 2002, p. 7).

Podemos constatar que assim como a arte, todos os componentes curriculares que compõem a educação, representam os pilares de sustentação que amparam as consequências das mudanças que envolvem a educação, ajustando-se às imposições do desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> John Ruskin - escritor, poeta e desenhista britânico (Londres, 08.02.1819 –20.01.1900).

## 4 O EFEITO TRANSFORMADOR DA COMUNICAÇÃO

O mundo se move e renova pelas necessidades do homem. A comunicação e as formas de expressão foram e serão, o aditivo para a promoção do desenvolvimento humano.

Sob este foco o professor e escritor canadense Marshall McLuhan, desenvolveu um estudo dividindo a história da humanidade através dos meios de comunicação, atribuindo quatro estágios às fases de características distintas.

Na Cultura Tribal (primeiro estágio), onde o homem se comunicava através da voz quando próximos, recorrendo aos sons de tambores a longas distâncias, e depois de descobrirem o fogo enviavam sinais de fumaça, além de pintarem nas paredes das cavernas ou nas areias da praia.

A Cultura Manuscrita (segundo estágio) refere-se à época em que a escrita foi introduzida na Grécia, onde o poeta grego antigo Homero ditava seus poemas (Ilíada e Odisséia) para outra pessoa escrever, estendendo-se até o século XVI.

Na Cultura Tipográfica (terceiro estágio), onde registrou a invenção da máquina impressora criada por Johannes Gutenberg, numa época de interesse por notícias e informações comerciais. Época dos descobrimentos, valorização do homem, do Renascimento, aperfeiçoamento dos processos de impressão, e o surgimento do primeiro jornal brasileiro “Correio Braziliense” (1808).

A Comunicação Eletrônica (quarto estágio) que permitiu a transmissão de mensagens a longas distâncias em segundos. Invenções como o telégrafo em 1830, o telefone em 1876 que Alexander Graham Bell inventou, Thomas Edison inventou o fonógrafo em 1877, e a televisão que começou a ser usada na década de 1940, quando o rádio em 1901 e o cinema em 1895 já eram conhecidos.

Estes acontecimentos determinaram mudanças profundas, pelo advento dos meios que facilitaram a comunicação e a aproximação da humanidade, instalando o termo criado por McLuhan que ficou conhecido como “aldeia global”.

Cumprindo as funções para as quais foi criada, a tecnologia trouxe à vida do homem benefícios introduzidos no cotidiano. As consequências destas invenções refletiram no espaço que passaram a ocupar de acordo com a especificidade que carregavam, alterando hábitos e costumes, e interferindo na cultura instalada.

É possível concluir que a comunicação do século XX e início do século XXI representa um novo estágio, nesta linha do tempo através da comunicação de



McLuhan, em que as Tecnologias de Informação e Comunicação transformaram as formas de comunicação da humanidade.

A contextualização natural entre educação e comunicação representa o sentido imensurável do conhecimento, ancorada pela introdução de recursos que possam despertar possibilidades inovadoras de exploração, estimulando a curiosidade, criação e o anseio em aprender ao manuseá-los.

#### 4.1 TECNOLOGIA E AMBIENTE ESCOLAR

O surgimento das tecnologias interferiu em mudanças expressivas e radicais em todos os segmentos que se referem à vida humana, causaram mudanças de regras, métodos, modificando o que já estava instituído e acomodado. Esta é uma característica da evolução humana que periodicamente desacomoda o percurso natural, através de grandes transformações.

A contemporaneidade trouxe o avanço tecnológico, e seus reflexos sobre todos os segmentos da sociedade que passam invariavelmente pela sala de aula. Alunos provindos de histórias diferentes, que também absorvem estas mudanças, alteram constantemente valores, ideias e costumes, em função de adequações que são reorganizadas e atualizadas no seu meio de origem e convivência, acompanhando o ritmo destas mudanças.

É inegável e irreversível a interferência das Tecnologias da Informação e Comunicação na sociedade, que paralelamente a isto, carece de recursos básicos para a sua inserção nesta nova condição de cidadão conectado, o que na verdade significa que se não houver recursos que disponibilizem o acesso, torna-se um excluído da realidade digital. A tecnologia ausente especialmente em grande parte das escolas da rede pública, particularmente nas periferias, cria expectativas em relação ao quanto pode incorporar aos desejados padrões de qualidade na educação.

O universo da educação carece expandir-se muito além em relação às tecnologias, acompanhando os limites que a Internet ampliou, aproximando as relações, especialmente na educação, favorecendo a necessidade dos alunos que, rodeados de informações precisam de meios que permitam trabalhar sua expressão representativa com seus signos textuais, gráficos, rítmicos.

A combinação entre aluno, arte e mídias, pode garantir resultados importantes levando em conta a bagagem acumulada com o histórico pessoal do aluno,

informações capturadas do meio e das mídias, e das experiências e conhecimento que se agregam no convívio escolar.

Daí por que nas propostas de trabalhos o aluno demonstra, por exemplo, o quanto assimilou sobre os elementos fundamentais da arte, através da produção expressiva desenvolvida nas aulas de Arte; registra as referências abordadas no conteúdo da ação, correspondendo ao conhecimento adquirido e/ou experiência pessoal, de grupo, coletiva ou comunitária; o quanto o efeito das mídias está inserido e agindo criativamente e valorizando o resultado final, e reconhece o valor de ações colaborativas fundamentadas no conhecimento coletivo.

Como afirma a Arte Educadora Barbosa (2007, p. 14):

[...] um dos instrumentos de conscientização dos educadores poderá se constituir na análise do sistema educacional, que numa sociedade dependente, de acordo com Berger, “necessariamente tem que ser histórica”, porque a análise histórica atravessa o processo de transformação, modernização e inovação do sistema educacional.

Estruturados pelo conhecimento do percurso da educação, é possível entender, que ciclos se renovam, gerando transformações na educação, impondo um processo de assimilação e adequação ao processo pedagógico.

Neste sentido os ambientes informatizados do espaço escolar, se tornam imprescindíveis na viabilidade do recurso básico necessário às expectativas do ensino, promovendo o contato mais aprofundado com a Informática que de acordo com Luft (2006, p. 365) é o:

conjunto de conhecimentos e técnicas ligadas ao tratamento racional e automático de informação (armazenamento, análise, organização e transmissão), o qual se encontra associado à utilização de computadores e respectivos programas.

Porém esta necessidade nem sempre corresponde à expectativa.

O sentido do desenvolvimento pretendido em relação ao projeto educacional da escola depende do acesso ao computador, e as conexões que viabilizem as práticas elaboradas e mediadas pelo professor, ancorado pelo saber pedagógico na abordagem dos componentes curriculares.

Significar o computador como instrumento pedagógico na busca dos objetivos do aprendizado, sendo utilizado para este fim no ambiente escolar. De acordo com o que afirma Rocha (2008) quanto a Informática Educativa que, “privilegia a utilização

do computador como a ferramenta pedagógica que auxilia no processo de construção do conhecimento”.

A Declaração Mundial sobre a Educação para todos (UNESCO, 1990, p. 5) afirma que “ao lado de suportes utilizados tradicionalmente, vale a pena explorar o potencial que oferecem as bibliotecas, a televisão, o rádio e os outros meios de informação para atender às necessidades educacionais fundamentais de todos”.

#### 4.2 INSERÇÕES DAS MÍDIAS

O uso das mídias no contexto da educação surge como uma articulação dialógica nas áreas do ensino, valorizando as relações e informações do aluno, registros do meio, e o que dele trouxe. Para Moran (1999, p. 3) “processos de educação importantes se iniciam antes da criança chegar à escola: pelo processo familiar e da mídia eletrônica”.

O primeiro e significativo processo de educação para Moran é da família que favorece o bom desenvolvimento da criança com iniciativas que acrescentem resultados positivos, posturas que traduzam segurança, estímulo afetivo, resultando no “desenvolvimento de suas conexões cerebrais, roteiros mentais, emocionais e suas linguagens” (MORAN, 1999, p. 3).

O ingrediente que alimenta tanto a arte quanto a mídia é a comunicação, de naturezas e origens diferentes. Com características distintas, têm no produto final, que não é findo: a expressão.

Representação por sua vez, “aquilo que a mente produz, o conteúdo concreto do que é aprendido pelos sentidos, a imaginação, a memória ou o pensamento” (HOLANDA, 2009, p. 699).

Ao lado da televisão e dos novos meios, o cinema também é um dos elementos do *ambiente simbólico* das novas gerações. “[...] o cinema e os meios em geral constituem campos de interação simbólica em que os sujeitos constroem e compartilham significados” (RIVOLTELLA apud FANTIN, 2007, p. 4).

É possível reconhecer a influência das mídias especialmente na formação do aluno, manifestada através de suas escolhas, e formas de identificar-se perante seu grupo de convivência. O aluno faz escolhas bem particulares para sua auto representação, expressas em imagens, formas, cores e símbolos que carregam, nas

camisetas, bonés, tênis, mochilas, estojos, capas de caderno, permitindo a leitura que deseja, dele seja feita.

Figura 1 - Influência das Mídias



Fonte: A autora (2015)

Comunica-se pela simbologia que o define, retratando as suas preferências, dizendo quem é, e a que veio, usando o corpo, por vezes tatuado como suporte, apresentando-se e convidando seus pares à aproximação.

Existe uma vontade impressa de falar, mostrar e dividir com o grupo sobre aquilo que gosta, para que outros conheçam, e as relações assim se constroem pelos interesses em comum. É uma apresentação visualmente formal, indiretamente instalando e facilitando uma aproximação, através da comunicação visual.

Freire<sup>2</sup> traduziu com muita propriedade, sabedoria e profundidade sobre a leitura do mundo que é feita desde as primeiras percepções registradas pela criança. A frase “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” é a tradução fiel do sentido de leitura, que hoje se torna pertinente, diante da força midiática e imagética que invade o cotidiano, interferindo nas referências do ser humano atual.

Este pensamento Freiriano sugere uma releitura aplicada ao aluno do século XXI, com forte influência tecnológica. Que leitura do mundo carrega na sua bagagem? Que bagagem ele traz quando chega à escola?

<sup>2</sup> Paulo Reglus Neves Freire. Educador e Patrono da Educação Brasileira. 19.09.1921/Pernambuco – 02.05.1997/São Paulo.

Trabalhar com cinema é aproveitar esta bagagem, fruto das leituras feitas até então pelo aluno, que tem uma identidade em processo constante de formação. O aprendizado e conhecimento que a escola proporciona, facilitam o melhor interpretar e entender, os significados e desdobramentos das leituras que ainda, e sempre, fará.

O cinema, portanto, transforma-se numa destas possibilidades que muito acrescenta ao desenvolvimento no ensino e aprendizagem do jovem aluno do ensino fundamental e médio, sem, no entanto, excluir o quadro negro que “[...] foi ampliado para a tela do cinema, para o televisor, para a telinha do computador, para a web, para o outdoor, para a camiseta impressa em silkscreen [...]” (LOPES, 2013, p. 9).

Novos interesses encaminham a experiências dentre as quais a aula de Arte que, incorporando à identidade, os fundamentos daquilo que usualmente conhece e aprecia como, por exemplo, cores, harmonias, técnicas, formas, volumes, texturas, simetrias, acrescentam conhecimento ao aluno, desenvolvendo e estendendo a leitura do mundo, refinada na sala de aula.

A leitura da cena de um filme assume maior significado sob o olhar então aprendiz, quando o aluno consegue identificar os efeitos da cor pela intensidade empregada, reforçando ou amenizando a expressão de uma cena.

Assim como a composição das formas, que assumem expressividade no contexto do enredo, pelos conhecimentos aos poucos adquiridos, desenvolvidos através de práticas com os elementos fundamentais da arte, favorecendo a identificação e interpretação na projeção.

Daí por que a postura passiva durante uma projeção pode não ser um desinteresse daquele que assiste. Provavelmente a atenção está redobrada, pois não se trata de uma imagem estática, mas normalmente em constante movimento como afirma Benjamin<sup>3</sup>.

Pensar em toda a diferença que separa a tela na qual se desenrola um filme e a tela onde se fixa a pintura. A pintura convida à contemplação; em sua presença as pessoas se entregam à associação de ideias. Nada disso ocorre no cinema; mal o olho capta uma imagem, esta já cede lugar à outra e o olho jamais consegue se fixar [...] como tudo que choca o filme só pode ser apreendido mediante um esforço maior de atenção (BENJAMIN, 1934, p. 31).

---

<sup>3</sup> Walter Benedix Schönflies Benjamin. Ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo. (1892-Alemanha – 1940-Espanha).

O aluno torna-se leitura constante do professor observador, somando informações que podem orientá-lo ao êxito em futuras abordagens, considerando especialmente as interferências feitas pelo grupo, identificando dentre eles as influências mais predominantes, dentre as quais a intervenção midiática. Para Jaquinot (1998, p. 9):

[...] a ideia que, na comunicação educativa, o conhecimento construído pelo sujeito resulta antes de tudo das suas interações com os outros atores humanos, mas também, com todos os componentes do contexto de aprendizagem, inclusive do contexto mediático.

Os benefícios tecnológicos tão presentes no dia a dia, facilitando necessidades básicas com resoluções rápidas, acomodando-se nas práticas cotidianas, podem desaparecer em relação ao ensino se a este, não forem corretamente incorporados recursos tecnológicos para fins didáticos nas práticas pedagógicas. A ausência de iniciativas neste sentido nos ambientes de ensino pode configurar uma situação de encaminhamento do aluno para outra realidade, com a qual não se identifica e, portanto, ignora, não desenvolvendo assim os estágios adequados e correspondentes à aprendizagem, diante de processo incoerente entre realidade e educação.

A educação escolar precisa *compreender e incorporar mais as novas linguagens*, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos [...] (MORAN, 1999, p. 5).

O universo da educação que gira em torno do aluno, busca o acerto, que contribua e faça a diferença na sua formação, e nas expectativas que a sociedade e ele próprio desejam. Também na educação um diagnóstico identifica os rumos indicados para ações que deem relevância a uma formação integral, paralelamente às relações de convívio que se instalam no ambiente de aprendizagem, cognitivo e social.

A afirmação de Durkheim<sup>4</sup> de “Quanto mais eficiente for o processo, melhor será o desenvolvimento da comunidade em que a escola esteja inserida” (FERRARI, 2015b), refere-se a um “sistema de ideias” como se fosse um registro do meio onde o aluno vive, e o conjunto de características nele impresso, que lhe foi transferido pela

---

<sup>4</sup> David Émile Durkheim – Sociólogo, e filósofo francês. Pai da sociologia. (1858- 1917 – França).

sociedade a qual pertence. Estes preceitos básicos e fundamentais da sua origem devem ser determinantes e indispensáveis nas práticas da educação, colocando o aluno no papel principal, transformando suas referências em propositores, daquilo que nele provocará reflexos em busca dos objetivos esperados.

A educação necessita lançar um olhar crítico sobre o cinema. Precisa se libertar da crítica especializada e construir seu próprio corpo teórico visando a fins específicos. O cinema é um meio de reflexão da sociedade. Esse meio só depende dos educadores para atender fins educacionais. Depende o que se entende por educação com utilização de recursos midiáticos (LOPES, [s.d.], p. 6).

Considerando que as escolas atendem às comunidades do seu entorno, naturalmente o saber sobre o contexto que se reúne na sala de aula, é condição básica e obrigatória na elaboração de um projeto pedagógico eficaz, que assimile e estabeleça identidade entre os que farão parte deste processo. A busca pela realidade dos que partilham do mesmo ambiente de aprendizagem, e têm afinidades pelo lugar comum de origem e convivência, faz com que surjam elementos facilitadores para a construção de projetos, que movam as iniciativas da educação.

Daí por que a inserção do cinema através de dinâmicas educativas absorve e altera as posições de personagens e conteúdos, em alunos multiplicadores junto às comunidades de origem, transformando pacíficos espectadores da realidade, em protagonistas críticos de enredos próprios sob a ótica reflexiva do cinema, sob a direção do professor focado na genuína “alfabetização cinematográfica” (LOPES, 2013, p. 8).

#### 4.3 LINGUAGENS ÁUDIO VISUAL

O cinema percorre paralelamente os caminhos da educação, esquecido que é pela estrutura do ensino instituído, moldando-se às lacunas e espaços que formam os elos desativados na engrenagem do ensino, o qual é subtendido como unidade. Para Morin (2003, p. 21) “[...] o problema não é bem abrir as fronteiras entre as disciplinas, mas transformar o que gera essas fronteiras: os princípios organizadores do conhecimento”.

Preencher estes vazios é papel que o cinema desempenha com distinção, abarcando diferenças, promovendo igualdade, significando o aprendizado de

conteúdos, estimulando de acordo com o que diz Lopes ([s.d.], p. 9), o sentido de “educar com o cinema, educar com arte, significa educar através do contato com o outro, do despertar dos sentimentos e da troca. É sair de si mesmo para enxergar o outro”.

Estender os limites da sala de aula compreendendo os espaços de domínio escolar e entorno expandindo territórios podem significar também, conhecer outras culturas através de filmes comerciais, que gravados, podem ser facilmente apreciados com recursos bem simples, presentes na maioria das escolas, como a televisão e aparelho de DVD, que não são novidades, mas são recursos indispensáveis diante da realidade tecnológica disponível no ambiente escolar, permitindo desdobramentos fundamentais ao conhecimento.

A força da linguagem audiovisual está em que consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muitos mais caminhos do que conscientemente percebemos e encontrar dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos ou que se relacionam conosco de alguma forma (MORAN, 1999, p. 4).

Na área pedagógica o cinema é visto no papel de produtor das articulações que se formam entre os objetos de estudo, fortalecendo a interdisciplinaridade, gerando a ampliação dos significados normalmente assimilados de forma fragmentada, em disciplinas centradas nos conteúdos específicos da sua área, raramente contextualizados à unidade pedagógica.

As experiências visuais iniciais não traduzem para o aluno, a ideia do quanto é possível caminhar com as possibilidades que o cinema tem a oferecer. Napolitano (2004, p. 11) considera como um auxílio para a escola, o processo que o cinema pode desencadear, ajudando-a “[...] a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”.



## 5 CINEMA

A presença do cinema na cultura contemporânea desde o final do século XIX com a invenção do cinematógrafo atribuída aos irmãos Lumière, August e Louis, surgiu do acolhimento ao pedido do pai Antoine, para que os filhos descobrissem uma forma de projetar imagens animadas, depois de ter conhecido o Kinetoscópio<sup>5</sup> inventado por Thomas Edison.

O empenho e conhecimento dos irmãos que estudavam na escola técnica Martinière, na cidade de Lyon onde moravam, resultaram em menos de um ano, na criação do “cinematógrafo Lumière”.

O aparelho criado pelos irmãos podia ao mesmo tempo filmar, copiar e projetar, girando manualmente uma pequena manivela. Das gravações simples ao ar livre, ao da chegada de um trem na estação de Lyon exibida em 28 de dezembro de 1895, provocando reações inesperadas de susto com a velocidade do trem na tela, foi um marco de sucesso na história do cinema.

Os irmãos Lumière eram jovens engenheiros, criadores de uma emulsão que beneficiou a arte da fotografia, assim como hábeis comerciantes, especialmente com a invenção do cinematógrafo, mas foram também reconhecidos como artistas, o que mereceu de Godard<sup>6</sup> a referência de: “O último pintor impressionista” (AUMONT apud FRESQUET, 2013, p. 65).

Para Comolli (apud FRESQUET, 2013, p. 66) “em 1895 menos que o nascimento do cinema, marca-se o nascimento do espectador, como sujeito do cinema”.

O cinema era considerado “uma invenção sem futuro”, para os irmãos Lumière que deixaram um total de 1425 cenas de filmes de curta duração, como valiosos documentos de época. A história do cinema só continuou graças ao ilusionista francês Georges Méliès<sup>7</sup>, reconhecido pela sua criatividade tendo destaque entre suas obras “A Viagem à Lua”, 1902.

---

<sup>5</sup> Kinetoscópio. Dispositivo, projetor de fotografias, através de visor em caixa de madeira, que chega à França em 1894 (CAMARGO, 2005).

<sup>6</sup> Jean-Luc Godard. Cineasta polêmico reconhecido pelo cinema vanguardista, com os dilemas e perplexidades do século XX. França-Paris / 03.12.1930.

<sup>7</sup> Marie-Georges-Jean-Méliès. Um dos precursores do cinema, fez mais de 500 filmes e construiu o primeiro estúdio cinematográfico da Europa. Cineasta pioneiro ao usar desenhos de produção e *storyboards* para projetar suas cenas (1861-1938).

O cinema com som surgiu em 1926, com o auxílio de um sistema Vitaphone desenvolvido pela empresa Western Electric e Warner Bros, que consistia na gravação prévia do som (música e efeitos sonoros) num disco, não alcançando a sincronia esperada, como no filme “Don Juan”.

O interesse pelo cinema crescia assim como a vontade de novas descobertas de aperfeiçoamento em relação ao som. O filme "The Jazz Singer" em 1927, considerado o primeiro com som, torna-se uma referência ao surgimento do sistema de som óptico.

Com o surgimento da televisão em 1945, o cinema investiu em diferenciais para se tornar mais atrativo para o público que, na época, demonstrava maior preferência pela televisão que oferecia além da novidade, o conforto de assistir em casa.

Novas tecnologias de som, ampliação das telas, e filmes coloridos, eram os desafios do cinema, já que a qualidade visual e auditiva concorria para melhores resultados na disputa com a televisão.

## 5.1 O LUGAR DO CINEMA NA EDUCAÇÃO

De características específicas, o cinema revela na sua completude, a presença da arte que o compõe através das linguagens que os representam, tanto cinema quanto arte. Especialista em cinema o teórico italiano Ricciotto Canudo, defendeu a ideia de que o cinema é uma arte que reúne as outras, e nomeou-o como a “sétima arte”, ao escrever o manifesto “O nascimento da sétima arte”, publicado em 1911.

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos - , renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções, e algo da curiosidade de quem aprende e ensina (FRESQUET, 2013, p. 25).

Entretanto o cinema de ampla expressão com inesgotável contribuição ao desenvolvimento da imaginação, e todas as pluralidades decorrentes de suas especificidades, não compõe a grade curricular como componente curricular do ensino fundamental e médio, o que resultaria em grandes benefícios, se instituído oficialmente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação (BRASIL, 1998, p. 66), o cinema está referendado entre as modalidades que carregam na sua constituição as linguagens das artes visuais:

As artes visuais além das formas tradicionais: pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, objetos, cerâmica, cestaria, entalhe, incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas do século XX: fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador. Cada uma dessas modalidades artísticas tem a sua particularidade [...].

Utilizar o cinema na educação renova alternativas, afastando métodos massificados e repetitivos. O conhecimento específico sobre o cinema na educação estabelece e amplia as relações das áreas envolvidas, fortalecendo as contextualizações deste processo.

Para Napolitano (2004, p. 14). “[...], o cinema, enquanto indústria cultural, também é uma forma de mídia moderna, voltada cada vez mais para um espectador formado pelas TICs [...]”.

Transitando em todas as áreas desde a sua invenção, o cinema soma antagonismos relacionados às condições que lhe são atribuídas, e respectivas reações geradas pela defesa do cinema arte, ou como entretenimento que pode ser substituído pela televisão de mais fácil acesso, ou ainda assumindo função midiática com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação, transformando-se em recurso atraente e adequado às expectativas de alunos e professores.

Para os defensores da arte cinematográfica, sustentam acima de tudo a preservação da identidade de valor artístico que o cinema carrega, mesmo quando no ambiente escolar entrega-se a intenções direcionadas a função didática.

De acordo com Fantin (2007, p. 2) o filme de origem comercial pode ser consumido como recurso didático, comparando-o “[...] a um mesmo objeto que muda de pele”, adequando-se aos diferentes espaços sociais relativos ao “espetáculo e à escola”, nos quais suscitam a reflexão.

Atrair o olhar do aluno a outro interesse, acostumado que é à constância da televisão, requer determinação nas ações que serão lançadas com este objetivo. A televisão é quase um hábito compulsivo, sem escolha, automático que se solidifica como fonte de entretenimento e informação. Introduzir o cinema é tarefa que exige

estratégias criativas, bem elaboradas e estruturadas em busca da captura deste novo olhar, e muitos obstáculos a transpor.

Partimos da diferença fundamental existente entre a sessão de cinema, sempre mais ou menos escolhida pelo espectador, e o consumo de televisão, por vezes aleatório ou fortuito. [...] Enquanto que o visionamento de um filme representa uma espécie de parêntesis nas nossas atividades sociais, ver televisão faz parte do nosso cotidiano (GARDIES, 2007, p. 203).

Como o olhar na busca do enquadramento, que surge naquele primeiro, significativo e clássico gesto de “usando dois dedos de cada mão para formar um retângulo que represente o visor da câmera [...] fazendo um anúncio gestual do recorte que significa enquadrar, diante de tudo que vemos” (FRESQUET, 2013, p. 70).

A simbologia deste gesto onde um pedaço do todo é separado desencadeia o entendimento das relações entre os elementos do entorno, que interferem no resultado da realidade local, seja da sala de aula, do espaço escolar, do bairro ou da própria família e casa, de onde vem o aluno. Detalhes que induzem à presença do cinema nas entrelinhas das ações já praticadas na escola.

A cerca de reflexões sobre projetos no Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que ao longo de sete anos desenvolveu, com experiências de introdução do cinema na escola pública, suscitando desafios a professores e alunos, Freschet (2013, p. 10) afirma que diante disto ela pôde “apreciar a potência pedagógica do cinema como gesto de criação e de alteridade”.

## 5.2 CRIANDO CAMINHOS PARA O CINEMA

O cinema é reconhecidamente fruto de produção coletiva, envolvendo alto padrão tecnológico, visando entre outras coisas, o lazer e a comunicação e, sobretudo a cultura e a arte, resultante do elevado nível das ações construtivas que o cercam.

Incorporar o cinema nas ações da educação, de acordo com Fantin (2007, p. 1), revelam as várias faces que dele podem ser exploradas “[...] como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos”. A escolha da abordagem quanto ao material fílmico, requer proposta e estratégias alinhadas coerentemente à escolha inicial. Encaminhamentos

adequadamente elaborados privilegiam experiências importantes ao processo de aprendizagem, que o cinema pode proporcionar.

O interesse desejado quanto ao resultado da intervenção do cinema na sala de aula, pode também recuperar aspectos que tenham se perdido nos desencontros que a educação enfrenta em épocas de grandes mudanças, afetando valores e cultura que devem prevalecer na escola. A composição de uma ação envolvendo práticas com cinema desperta expectativas no ambiente escolar, fortalecendo estímulos e vitalizando iniciativas interessantes e inovadoras.

Fazer cinema na escola é uma experiência rica para reduzir assimetrias entre professores e estudantes, e entre eles próprios. A descoberta de novos interesses e capacidades pode contribuir para uma reconfiguração da autoestima de alguns estudantes, o modo como eles são vistos pelos professores e colegas e, inclusive, pelas próprias famílias (BERGALA apud FRESQUET, 2013, p. 61).

As intervenções fílmicas encontram solo fértil na educação com a presença da Arte, que oferece suporte fundamental através de seus elementos à disposição, já que as aulas de Arte mantêm alimentando a perspectiva de inserção do cinema, assim como outras possibilidades, pois a arte age de forma transdisciplinar.

Para Morin (2003, p. 115) “no que concerne à transdisciplinaridade, trata-se frequentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas [...]”.

Arte e cinema se voltam aos aspectos relacionados à percepção e organização de padrões estéticos, gostos, interesses, gerados pela imaginação e criação, usando linguagens em comum, direcionando às diferentes intenções pretendidas, pela arte e pelo cinema.

A conexão cinema e educação transpõem os caminhos óbvios que remetem a primeira ideia sobre cinema, que apontam automaticamente à tela e às imagens nela projetadas. O interesse pelas imagens que se incorporam ao universo do aluno, desde a infância, desenvolve nele o hábito e a facilidade interpretativa destas.

Para Moran (2009) as linguagens da TV respondem à sensibilidade das crianças e jovens, que leem o que podem visualizar, e que precisam ver para compreender, como nas telas que mais facilmente tem acesso: da TV, do DVD, do celular, do computador, dos games. O olhar investigador que surge desta experiência evolui na questão da leitura de imagens, refletindo nas intervenções da arte e do

cinema, favorecendo o entendimento dos significados que de formas diferentes se relacionam de acordo com o contexto.

Já na infância a convivência com o cinema é muito significativa em relação à memória afetiva. Bergala<sup>8</sup> (apud FRESQUET, 2013) afirma que, nesta fase deve ser frequente a aproximação da criança com o cinema de qualidade, pois mais tarde, não terá o mesmo efeito de intensidade, já que adquire valor inesquecível de infância. Manter este hábito é igualmente necessário e significativo.

### 5.3 O EXERCÍCIO VISUAL

Introduzir na escola o convívio diário e provocativo de imagens significativas, como elemento surpresa, seguindo roteiros bem elaborados, em planejamentos que instiguem a curiosidade, estimulando a leitura constante nos espaços de convívio, é recurso importante de aproximação do aluno com o que o faça despertar, questionar, refletir... Imagens reproduzidas em cópias ampliadas dos primeiros equipamentos usados no cinema, para projeção de filmes, e a evolução destes ao longo do tempo construindo a história do cinema, podem dar início a uma convivência valiosa.

Um trabalho de curadoria, de responsabilidade do professor, na seleção e organização do material adequado ao objetivo de atrair, despertando o interesse do aluno à proposta do cinema. Coletâneas de materiais como cartazes de filmes, rigorosamente periódicas, organizadas e expostas.

Preparar o aluno através de pequenas intervenções imagéticas, em doses diárias, para experiências maiores, naturalmente aciona um processo de resposta aos estímulos visuais que o ambiente oferece. Um caminho para desafios maiores como a aproximação e produção fílmica, se inicia de forma simples, como atividade prazerosa com a qual o aluno se identifique, através das imagens.

A percepção da capacidade interpretativa alcançadas em atividades relacionadas aos elementos fílmicos, direcionadas com este objetivo, confere confiança ao aluno, que descobre sua capacidade através das habilidades que desenvolve. De acordo com a teoria pedagógica de Dewey “os alunos aprendem melhor fazendo tarefas associadas aos conteúdos ensinados” (FERRARI, 2015a).

---

<sup>8</sup> Alain Bergala é especialista na obra de Jean-Luc Godard, ex-escritor de *Cahiers du cinéma*. Foi conselheiro do ministro da cultura da França Jack Lang, com quem trabalhou sobre as artes na educação. Dirigiu seu primeiro longa em 1982 (08.08.1943).

Como vimos o envolvimento com a arte cinematográfica no universo da educação, precede de iniciação básica que através de esclarecimentos pertinentes, oriente o aluno no decorrer do percurso pretendido. Como por exemplo, a forma de referir-se ao cinema e ao filme, invariavelmente é aplicada gerando dúvida ao significado. Elucidar que a palavra “cinema” refere-se à arte cinematográfica, e também à sala escura equipada para a projeção do filme que, na classificação de acordo com o Dicionário Aurélio (HOLANDA, 2009, p. 406) significa: “Filme – substantivo masculino. Fotografia. Cinema. Película recoberta por emulsão fotossensível utilizada para registrar imagens. Obra cinematográfica; fita, película”.

Esclarecendo a questão, Almeida (apud NAPOLITANO, 2004, p. 14) coloca que “O cinema é sempre ficção, ficção engendrada pela verdade da câmera [...] o espectador nunca vê cinema, vê sempre filme. O filme é um tempo presente, seu tempo é o tempo da projeção”.

O papel de suporte na educação também é atribuído ao cinema, pela presença de longa data, incorporando os papéis que lhe são destinados. Assim como, de acordo com Fantin (2007, p. 2) na perspectiva ecológica de mídia educação que propõe: “uma concepção integrada de fazer educação usando todos os meios e tecnologias disponíveis [...] e conforme o objetivo pretendido, cada inovação tecnológica integra-se umas nas outras”.

“O ensino fundamental permite que as áreas se incorporem umas às outras e o aluno possa ser o principal agente das relações entre as diversas disciplinas, se os educadores estiverem abertos para as relações que eles fazem por si” (BRASIL, 1998, p. 103).

Esta é uma via facilitadora da articulação do cinema ao contexto do qual o aluno faz parte. Quando as associações se dão naturalmente, como diz Barbosa (2007), se contextualizam, é uma porta que se abre para a interdisciplinaridade com outros meios, com outras mídias, e completa “a formação do conhecimento parte da ampliação do que você já conhece”.

Esta afirmação vai ao encontro da Teoria da Aprendizagem Significativa, desenvolvida pelo psicólogo da educação David Paul Ausubel, como meta para a melhoria do ensino aprendizagem, considerando que “quanto mais sabemos mais aprendemos” (BRUINI, 2013).

A TAS aponta o que o aluno já conhece, como determinante na aprendizagem do que irá conhecer, condicionada à disposição que o aluno tem para aprender. Ausubel (FERNANDES, 2011) propõe:

a aprendizagem como um processo de armazenamento de informações que, ao agrupar-se no âmbito mental do indivíduo, seja manipulada e utilizada adequadamente no futuro, através da organização e integração dos conteúdos aprendidos significativamente.

É possível concluir que havendo uma proposta de trabalho com cinema na escola, através do planejamento anual, seja observada a articulação entre os filmes selecionados para projeção, voltados aos interesses da disciplina, privilegiando a aprendizagem significativa.



## 6 CINEMA E A SALA DE AULA

Indispensável ao professor para o início das atividades com filmes são as informações prévias, que deve conhecer, sobre a história do cinema, as linguagens cinematográficas e os principais estilos e escolas cinematográficas. Importante também sondar de forma simples com informações básicas, sobre a cultura cinematográfica dos alunos, como um norte para o professor (NAPOLITANO, 2004).

O filme é o produto que alimenta o cinema, transpondo as fronteiras do imaginário humano, mexendo com emoções seja qual for o assunto projetado. Seja pela tecnologia mais avançada, ou com os recursos mais simples, a mensagem de um filme sempre meche com emoções, remete a reflexões e acrescenta ao já conhecido, algo mais que ali não existia.

A função agregadora do cinema, em relação ao conjunto que compõe as áreas do conhecimento, lhe permite alinhar interesses, encaminhados através de projetos tendo como suporte os recursos audio visuais.

A projeção de filmes aos quais é atribuída função didática, reforçando a ação pedagógica, desperta expectativas sobre o desenvolvimento do assunto, quando é previamente abordado, tentando identificá-lo inserido no enredo em imagens, cenários, sons, cores e contrastes.

Alem das surpresas que o conjunto de efeitos provoca, questões e detalhes identificados na projeção chamam a atenção quando, alguma coisa ali expressa, alguém sabe sobre.

Esta expectativa tem a ver com o perfil do aluno que se prende as imagens mais facilmente, e nela consegue ler, a intenção da mensagem através do conjunto que envolve a ação, facilitando a tradução da leitura feita pela imagem.

Por constituir-se como um cruzamento de práticas socioculturais diversas, o cinema é um *agente de socialização* que possibilita encontros das mais diferentes naturezas: de pessoas com pessoas na sala de exibição, das pessoas com elas mesmas, das pessoas com a narrativa dos filmes e das pessoas com imaginários múltiplos, etc (FANTIN, 2007, p. 3).

Uma questão inquietante nas escolas entre os professores está relacionada ao tempo reduzido para a projeção do filme selecionado. Esta adequação é decisão do professor que sabe qual a melhor forma de atingir o que pretende, considerando as características de cada grupo.

Napolitano (2014) cita três possibilidades nas práticas de exibição de filmes: a exibição na sala de aula ou de vídeo dentro do horário da (s) aula (s), ou em casa com grupos de alunos previamente formados e informados pelo professor, ou ainda na sala de aula, com a exibição de cenas ou sequência de cenas selecionadas pelo professor. Ressalta ainda a importância da coerência entre as formas de exibição e os objetivos da atividade.

A fragmentação dos filmes pode ser direcionada na seleção de trechos dos títulos indicados, seguindo a orientação do professor, que concentra a solicitação na intenção desejada. Esta é uma prática possível de acordo com o grupo, encaminhamentos e desenvolvimentos recomendados.

Para Bergalla (apud FRESQUET, 2013), assistir em casa os trechos de filmes definidos e solicitados pelo professor, também proporciona a experiência de acessar o You Tube, considerado pelo autor, uma ótima ferramenta além de proporcionar a navegação na Internet, para que na aula seguinte haja uma discussão sobre o material indicado.

De acordo com Coutinho (2005, p. 20), desde que os recortes indicados pelo professor permitam “tornar visíveis os aspectos mais fundamentais de que trata o filme e o assunto em discussão”, a projeção durante a aula se adequa perfeitamente e pode também despertar a curiosidade do aluno em conhecer a obra completa.

Na introdução da prática de inclusão do cinema nas atividades escolares, Napolitano (2004) sugere que o filme seja assistido em casa, observando aspectos importantes como: organizar grupos desde que estes disponham de videocassete ou DVD player, tornando mais produtivo assistirem o filme na íntegra, condicionando a assistência, a um relatório a partir de roteiro organizado pelo professor.

Quando o professor escolher trabalhar com trechos de filmes, é necessária uma preparação, fornecendo a sinopse, e explicação do contexto dos trechos selecionados. Trabalhar com roteiros de análise, favorece o exercício de análise em busca dos objetivos da atividade (NAPOLITANO, 2004).

Cada escola, professor, ou equipe docente encontra formas próprias e adequadas para este fim, o cinema, que já está praticamente incorporado no contexto escolar porém, buscando soluções, visto que depende de encaixes para que seja executado. Dentre estas soluções a possibilidade de definições prévias em conjunto, quanto à escolha de filmes que atendam às atividades transversais.

A escolha dos títulos organizada no planejamento favorece a programação inclusive em relação ao lugar da projeção, e o encaminhamento que cada professor envolvido, fará para a sua disciplina. Providências como esta viabilizam a inserção do cinema de forma mais objetiva, incorporando-se à dinâmica escolar, e que ao longo do tempo torna-se comum a presença do cinema como atividade acomodando horário, espaço, e filme podendo ser assistido sem preocupações de interferências externas e, portanto, em condições de aproveitamento máximo.

Um filme, por exemplo, não cabe na escola. Para que aconteça uma projeção, são necessários verdadeiros malabarismos, novos arranjos de turmas, horários extras, acordos apressados. Tudo isso porque a escola ainda é uma instituição muito restrita a duas linguagens apenas: a escrita e a oral (COUTINHO, 2005, p. 20).

Através da identificação de reações e demonstrações daquilo que mais interesse desperta no aluno, abrem-se caminhos para propostas bem elaboradas e amparadas em conteúdos fundamentados, transformados em atividades que explorem exatamente aquilo que o aluno sinaliza. Entrelaçando ao interesse e envolvimento que o cinema produz, pela ideia do novo que o ambiente escolar a ele concede, além da observância em relação ao projeto político pedagógico da escola que, também neste sentido, a escolha do material cinematográfico pode fortalecer a escola como instituição, pelo conteúdo e mensagem nele transmitido.

Aspectos importantes incorporados na prática fundamentada, nos sentidos aguçados e no envolvimento amplo e conectado do professor que capta, administra, promove e acompanha ao longo do percurso.

Para Napolitano (2004, p. 11) “[...] dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e ‘difíceis’, os filmes tem sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar”.

Para Bergala (apud FRESQUET, 2013, p. 48) a identidade do cinema arte, deve ser preservada quando há a intenção de usá-lo como recurso no ensino escolar, tornando assim válido este objetivo, não submetendo o aluno à pressão do aprender “[...] não se deve partir do saber. Não se deve partir da Cultura. Não se deve partir da história do filme”.

A experiência de uma criança não ser preparada pelo professor, para assistir um filme, permite a ela mergulhar no filme e dele absorver “a inteligência do filme” a maneira particular de como compreendeu, se emocionou e foi tocada pelo filme.

Partindo desta experiência pessoal de “travessia do filme”, a iniciação ao cinema de crianças e jovens, já possui uma referência pessoal intransferível, pronta então às ideias, conceitos e conexões (BERGALA apud FRESQUET, 2013).

O cinema como arte é reconhecido e admirado por suas especificidades, assumindo uma identidade que o distingue, agregando um conjunto de linguagens, imprimindo simbolismos expressivos ao conteúdo.

Na impossibilidade da escola proporcionar um contato mais próximo com arte, Bergala (apud FRESQUET, 2013) se refere a ações que esta pode favorecer neste sentido:

- a) dispor na escola de um acervo de DVDs, agendar visitas a cinematecas assim como salas de cinema alternativas, para “organizar a possibilidade do encontro como os filmes”;
- b) ao professor cabe “mudar seu estatuto simbólico, abandonando o seu papel docente”, quando encontram-se em lugar diferente, e a troca pelos gostos e preferências, revelam também sobre o cinema;
- c) “aprender a frequentar filmes” significa despertar a criação nestes espectadores, pelo significado que o filme transmitiu, e para que, além disto, desenvolva o hábito de “revisitar” filmes, contando com iniciativas que a escola pode proporcionar;
- d) “tecer laços entre os filmes” atuais e mais antigos que apresentem conteúdos heterogêneos, provocando curiosidade nestas relações inversas ao que o aluno está acostumado.

Como vimos, Bergala (apud FRESQUET, 2013) propõe iniciativas no ambiente escolar, contextualizado a outros ambientes que permeiam o sentido da educação que se deseja de forma autêntica. Também faz referência a Godard que considera estas funções como o restart da escola, que atribui como um “bom lugar”, onde algo sempre, e de novo é possível recomeçar.

A renovação é compromisso constante da escola, na busca do melhor para toda comunidade escolar envolvida, atendendo as expectativas do grupo neste sentido. Desta forma o desenvolvimento de um trabalho voltado ao desempenho de um aluno-espectador-apreciador, criativo e crítico, impõe conhecimentos básicos que ofereçam condições do aluno reconhecer as linguagens do cinema.

Quando estudamos a linguagem cinematográfica de planos e movimentos, fazemos referência, em primeiro lugar, a um conjunto de sinais empregados em uma forma de comunicação. Esta é a definição mais elementar de linguagem. O cinema e a TV utilizam dois meios para estabelecer a comunicação: a imagem e o som (A LINGUAGEM..., [s.d.]).

Estes dois elementos se apoiam em recursos como: as três categorias do som que são a locução, trilha sonora e efeito sonoro, já as imagens expressam o conteúdo e a forma como estas são captadas.

De acordo com Napolitano (2004, p. 57) é necessário que o professor tenha um conhecimento mínimo de alguns elementos da linguagem cinematográfica, o que significa acrescentar qualidade ao trabalho, visto que o enredo do filme se revela mais pela forma de contá-la do que pela história em si, construída de elementos “sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores”.

Para Gardies (2007, p. 17) “tal como a de encenação, a noção de plano ocupa grande parte do imaginário do cinema”.

Importante abordar com os alunos a questão do plano, que é o elemento determinante no resultado da mensagem expressa na cena. Aspectos imprescindíveis na captação da imagem traduzindo a intenção contida no conteúdo estão ali envolvidos. Imprime ação pela ilusão de proximidade ou de afastamento de acordo com os recortes do todo, onde a cena se concentra.

As denominações relacionadas às posições que o plano capta da cena, chamadas “escala de planos”, na verdade são práticas utilizadas pelos alunos com seus celulares, quando selecionam o que fotografar, e, portanto, é um acréscimo ao que ele já pratica.

Desta forma é importante que saibam para futuras experiências que de acordo com Gardies (2007, p. 17):

Para além do Plano Geral, que coloca uma personagem no meio de uma paisagem vasta, encontramos sucessivamente, ao delimitarmos o espaço filmado: Plano de Conjunto, Plano Médio, Plano Americano, Plano Aproximado, Grande Plano e Plano de Pormenor, que é preenchido apenas por parte de um rosto.

Ao longo do trabalho desenvolvido com os grupos, previamente à projeção, a elaboração da atividade pode encaminhar observações sobre cada uma das características de cada Plano, de acordo com a seleção do título. Assim como pode

também se transformar em atividade que destaca o sentido do plano que é o de ocultar alguma parte.

Fresquet (2013) propõe pequenas filmagens feitas pelos alunos, escondendo algum elemento no começo, que aos poucos é revelado, ou somente no final. A autora considera esta atividade como um exercício esclarecedor, para o aluno, sobre a importância do Plano numa produção fílmica, atribuindo a uma categoria de ocultar/revelar.

Os elementos constitutivos do cinema vão se tornando facilmente reconhecíveis, à medida que a frequência das sessões fílmicas se sucede, e as informações sobre o cinema se desdobram.

Quanto ao gênero de um filme é o que delimita a história que será contada, como será contada a intenção dos personagens, a personalidade dos personagens, o público que irá atingir o tipo de filmagem e abordagem que é feita. O gênero do filme é o ponto de partida do roteiro (LOPES, 2004).

Os gêneros podem ser diversos, como: romance; comédia; terror; suspense; ação; aventura; desenho animado; ficção científica; catástrofe; drama; comédia romântica; cult; documentário; espionagem; musical; faroeste; guerra e policial são apenas alguns dos gêneros possíveis. O gênero traz a história do filme para perto do seu público, faz com que o espectador saiba o que esperar de sua experiência cinematográfica desde o momento da escolha do filme a ser assistido.

As novas tecnologias vêm produzindo certa revolução na relação da escola com o cinema. A leveza e a simplicidade de operação de equipamentos e programas de edição, cada vez mais acessíveis em custo e uso, facilitam que o cinema penetre no espaço escolar a partir de diversas iniciativas de produção simples [...] pequenas filmagens com celulares ou câmeras digitais de fotografia (FRESQUET, 2013, p. 40).

Paralelamente ao conhecimento das linguagens, do enquadramento e gêneros do cinema, o olhar refina sobre o que já é de conhecimento do aluno, dando início novas descobertas, pelo entendimento diferenciado daquilo que conseguia até então.

Em vista disto é necessário investir na busca de meios que acrescentem ao objetivo de aproximar o aluno do cinema, articulando oportunidades de acesso a ambientes virtuais com importante conteúdo de interesse, atendendo a necessidade de disponibilidade de recursos sobre cinema.

## 6.1 O MATERIAL FÍLMICO

É possível contar com ambientes como “Curta na Escola” ([www.curtanaescola.org.br](http://www.curtanaescola.org.br)), que significativamente contribui ao processo de aprendizagem de ver e aprender cinema na escola.

Através de procedimentos bem encaminhados dispondo aos professores, dinâmicas estruturadas em material pedagógico tendo filmes como suporte. Oportunizando DVDs, para aplicabilidades interdisciplinares, abrangendo temas transversais, de acordo com nível de ensino e faixa etária abordados nos filmes.

A aprendizagem é estimulada através de recursos áudio visual em material de quinze minutos adequado ao tempo ideal, temas da cultura brasileira e ação interdisciplinar colaborativa, com espaço aos relatos de experiências entre professores e aplicabilidades inovadoras.

A disponibilidade online do material facilita à seleção, considerando o aluno, a escola, as questões sociais, culturais, ambientais, que provoquem resultado com a escolha feita, atendendo ao projeto pedagógico, e aos desafios e interesses implícitos na ação.

A importância destas propostas revitaliza o ambiente escolar, pois o trabalho com cinema é também uma forma de fortalecer a integração do aluno ao contexto escolar.

A relação com o cinema fortalece a necessidade natural do aluno, mesmo não expressa, de reconhecer em algum personagem ou situação, passagens nas quais se identifica sob algum aspecto bem pessoal, revelando ali na tela a sua presença. Mesmo sendo uma particularidade, provoca uma análise e reflexão sobre a cena e a sua realidade. Para Morin (2003, p. 45) “trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana”.

O filme se constitui em um quebra cabeças que desta forma é costurado aos poucos, com o encaixe de peças que no acomodamento vão dando sentido a ideia inicial que estruturou a proposta, encaixando-se exatamente no seu espaço, dando formato a várias ideias que surgiram separadamente e que vão assumindo na composição do conjunto, um sentido que de forma clara explicita a mensagem daquilo que ali está contido.

Outro suporte que a escola pode contar na formação do aluno com o cinema é o ambiente do site Portal Tela Brasil (<http://www.telabr.com.br/>). O site situa a linha do tempo da história do cinema no mundo e no Brasil como recurso de pesquisa, desde 1896, data da primeira projeção de um filme em terras brasileiras.

Destaca a função didática do filme que se completa pela análise, debate e reflexão, seja qual for a natureza dos problemas abordados. Apresenta sugestões de atividades que contemplam o ensino básico, além da ficha técnica completa da relação de filmes disponíveis e organizados por faixa etária.

A variedade de oficinas certamente atrai a todos: oficina de direção, direção de arte, produção, roteiro, documentário, fotografia, som e trilha sonora, novas mídias, montagem, exibição. Relacionando as atividades de cada oficina e os profissionais que atuam nestas áreas, convida a testes virtuais que identificam em qual segmento o internauta mais se identifica.

Exibem catálogos e calendário de festivais e concursos que acontecem em muitas categorias, e catálogo do áudio visual com referências importantes sobre o cinema, atualizações sobre eventos da área, agenda e outros assuntos de interesse. Através de workshops os professores recebem orientações sobre as estratégias de uso do filme com os alunos, como conteúdo (fonte), linguagem (leitura crítica) e o filme na sua expressão de arte.

Numa segunda etapa a proposta é sobre a criação de um vídeo, com a intenção de criar uma oficina de vídeo na escola, com a produção dos alunos, exercitando a criatividade com assuntos que envolvem problemas como meio ambiente, ou que mais despertar o interesse.

O terceiro objetivo é a criação de um espaço permanente para a exibição de filmes, com a colaboração de toda comunidade escolar. Além do suporte com material impresso e de atividades práticas.

A disponibilidade de acesso ao portal é fator decisivo quanto a qualidade do material e das propostas, mas principalmente pela disponibilidade do acesso e os desdobramentos com hipertextos, aprofundando a busca e ampliando territórios, o que é característico do cinema.

A orientação adequada e estimulante pela forma como são conduzidas as orientações do Portal Tela Brasil, são um convite que não pode ser recusado, tão pouco desperdiçar a chance de uma produção fílmica que os grupos podem então desenvolver. Bem encaminhados, revendo o passo a passo, cuidadosamente



observados os detalhes que não podem ser esquecidos, um projeto inicial deve ser articulado.

Usando um mapa conceitual o projeto tem uma visualização correta, onde as correções e mudanças podem ser realizadas e discutidas pelo grupo.

A visualização é importante nesta fase, assegurando-se que todos os campos atendam aos requisitos previstos: a escolha do enredo, texto, gênero, personagens, locação, som, equipamentos a serem usados.

Materiais que deverão ser confeccionados, se assim decidirem, para personagens, ou para cenário, devem seguir um cronograma, para que não percam o foco da produção.

Quanto à cenografia como representação de ideias que atribui sentido às cenas que abriga, sugere espaço, volume, formas e ritmos, harmonizando o conjunto da representação, é elemento visual determinante para a compreensão do enredo, assim como a luz e o figurino, que também expressam pela cor (luz) e formas (figurino), a presença das artes visuais. Na construção cenográfica as artes visuais dão vida às intenções e propostas que se materializam atribuindo sensações, sentimentos, pensamentos, emoções, integrados a aspectos estéticos e cognitivos.

Também no projeto construído e organizado num mapa conceitual, a atribuição de cada componente do grupo deve estar registrada. Assim naturalmente o processo desenvolve, acertando ou reorganizando o que é necessário. A autonomia do grupo deve gerar uma ação coletiva e harmônica com a busca de interesse mútuo pela criação colaborativa de um material de autoria.

Naturalmente a exibição do filme reverterá em muitas sessões na escola, para os colegas e comunidade.

Mais que um suporte, a disponibilidade de consulta em qualquer lugar com acesso à internet, mesmo não estando na escola, transforma-se num convite à produção. Contanto com este apoio, sempre indispensável ao professor, com os celulares inseparáveis da maioria dos alunos, a aventura da produção de um curta sai da possibilidade para transformar-se em realidade.

## 7 CONCLUSÃO

Buscando respostas à pergunta título, é possível afirmar que o cinema representa suporte amplo, no qual a educação encontra incrementos que revertam na formação do aluno, assumindo destacada importância, correspondendo às demandas e características do conjunto que compõe a educação.

Questões relacionadas aos elementos necessários para a criação e construção de projetos alinhados aos interesses pedagógicos, são equacionados com os recursos presentes no ambiente escolar, mesmo que estes não atendam a todas as necessidades de produção. A capacidade de se fazer presente, apesar das carências que impedem o melhor desenvolvimento nas escolas, é mais um atrativo que agrega ao fator “cinema na escola”. Soluções para as práticas que inspira, transformam e tornam o aprendizado mais eficaz, pois acresce de uma criatividade extra, buscando soluções de cenários, equipamentos, laboratórios de informática, que via de regra se resolvem com os celulares daqueles que possuem.

A pesquisa reafirmou que a condição humana tem a necessidade de expressão, e que através desta necessidade busca insistentemente novos meios como os das Tecnologias da Informação e Comunicação. O cinema acompanha as transformações que a tecnologia oferece favorecendo uma maior aproximação pelos recursos que dispõe.

Alem de estar na escola, atende também aqueles que preferem a televisão, mas que reconhecem seu papel social, na atuação junto às comunidades em projeções públicas, levando cultura. Os elementos constitutivos do cinema permeiam o ambiente interdisciplinar, incorporando-se naturalmente às necessidades da composição fílmica. Apropriando-se dos recursos presentes nas áreas e disciplinas específicas, nos ambientes e nas relações. Desperta no aluno a capacidade contextualizadora entre conteúdos, realidade tecnológica e midiática e criação.

A aprendizagem de técnicas desenvolvidas em ambiente informatizado propicia desempenho evolutivo, de noções básicas que se iniciam em filmagens com os próprios celulares, assim como a edição que pode também ser feita em casa ou outros ambientes, usando ferramentas acessíveis com recursos simples como o Movie Maker.

Desta forma é possível afirmar que o encontro do cinema na educação é possível e necessário por tudo que foi abordado. A educação na sua plenitude forma

para a sociedade, cidadãos de olhar atento e crítico trabalhado pela arte cinematográfica, e toda experiência que esta lhes concede, capazes de criar e transformar, priorizando valores coletivos e de igualdade social.

“Enquanto, na vida cotidiana, somos quase indiferentes às misérias físicas e morais, sentimos a comiseração, a piedade e a bondade, ao ler um romance ou ver um filme” (MORIN, 2003, p. 50).

## REFERÊNCIAS

A LINGUAGEM cinematográfica de planos e movimentos. Disponível em: <[http://educom.fundhas.org.br/pdf/enquadramentos\\_movimentos\\_de\\_camera.pdf](http://educom.fundhas.org.br/pdf/enquadramentos_movimentos_de_camera.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **Arteduca: Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas**. Universidade de Brasília. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8NkVRui4k58>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. A cultura visual antes da cultura visual. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9288/6778>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de suas Técnicas de Reprodução**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pradime: Programa de Apoio aos Dirigentes Municipais de Educação**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Pradime/cader\\_tex\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Pradime/cader_tex_2.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2015.

BRUINI, Eliane da Costa. **Aprendizagem Significativa**. 2013. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/aprendizagem-significativa.htm>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

CAMARGO, Luis Soares de. **A memória do cinema no Arquivo Histórico Municipal**. Prefeitura da Cidade de São Paulo, 2005-2007. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info15/i-manu.htm>>. Acesso em: 06 ago. 2015.

CHAMBEL, Ruy. **Vitaphone**. 8 ago. 2005. Disponível em: <<http://chambel.net/?p=85>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

CINEMATÓGRAFO APARELHO. In.: **Wikipédia: A Enciclopédia Livre**. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cinematographo\\_Aparelho.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cinematographo_Aparelho.jpg)>. Acesso em: 06 ago. 2015.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo Personagens**. São Paulo: Ática, 1999.

COUTINHO, Laura Maria. **Aprender com o vídeo e a câmera**. Para além das câmeras, as idéias. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

CURTA na escola. Disponível em: <<http://www.curtanaescola.org.br/>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

DIDONÊ, Débora. **Pier Cesare Rivoltella: "Falta cultura digital na sala de aula"**. 2007. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/pier-cesare-rivoltella-falta-cultura-digital-sala-aula-609981.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2015.

FANTIM, Mônica. Mídia-Educação e Cinema na Escola. Rio de Janeiro, **Revista Teias**, ano 8, nº. 15-16, p. 1-13, 2007.

FERNANDES, Elisângela. **David Ausubel e a aprendizagem significativa**. Dez. 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml>>. Acesso em: 02 out. 2015.

FERRARI, Márcio. **John Dewey, o pensador que pôs a prática em foco**. 2015a. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/john-dewey-428136.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Émile Durkheim, o criador da sociologia da educação**. 2015b. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/criador-sociologia-educacao-423124.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari; LIBÂNEO, Daniela Leonardi; SARDO, Fábio. FERRARI, Pascoal Fernando. **Por Toda Parte**. São Paulo: FTD, 2013.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1989.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. - (Coleção Alteridade e Criação, 2).

GARDIES, René. **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2007.

GIBSON, Claire. **Como Compreender Os Símbolos**. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Carmem Diego. Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas **PRISMA.COM**, nº 9, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/697/pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Mini Dicionário Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador?** São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cursoobjetosaprendizagem/jacquinot98.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

JOHN RUSKIN. In.: Wikipédia: A Enciclopédia Livre. 2015. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Ruskin](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Ruskin)>. Acesso em: 04 jul. 2015.

KLACHQUIN, Carlos. **O Som no Cinema**. 01 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.abcine.org.br/artigos/?id=121&/o-som-no-cinema>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2015.

LOPES, Jose de Sousa Miguel. **Cinema e educação: o diálogo de duas artes**. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:v6xyWvDsA2MJ:www.uemg.br/openjournal/index.php/SCIAS/article/download/405/276+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2006.

MARSHALL McLuhan. In.: Wikipédia: A Enciclopédia Livre. 2015. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall\\_McLuhan](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall_McLuhan)>. Acesso em: 07 jul. 2015.

MONTEIRO, Marialva. **Cinema na Escola: a vocação educativa dos filmes**. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/dce/dcetxt4.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2007.

MORAN, José Manuel. **Como Utilizar a Internet na Educação**. 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-19651997000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-19651997000200006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 11 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD – uma leitura crítica dos meios**. 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Trad.: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Ática, 1989.

PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2002.

REIA-BAPTISTA, Vítor. **Pedagogia da Comunicação, Cinema e Ensino: Dimensões Pedagógicas do Cinema**. 1995. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/reia-baptista-pedagogia-comunicacao.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

ROCHA, Sinara Socorro Duarte. O uso do Computador Na Educação: a Informática Educativa. **Revista Espaço Acadêmico**, Nº 85, 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/085/85rocha.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2015

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem** Jomtien. 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2015.

VICHESSI, Beatriz. **Entrevista com Alain Bergala**. Set. 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/entrevista-alain-bergala-cinema-franca-filmes-704656.shtml?page=0>>. Acesso em: 15 jul. 2015.